

ANTONIO DOS SANTOS – PINTOR DA CAPELA-MOR DA ORDEM TERCEIRA DO CARMO DE MOGI DAS CRUZES (SP) – E O PAGAMENTO CONTROVERSO

Danielle Manoel dos Santos Pereira¹

Os Carmelitas em Mogi das Cruzes

Na cidade de Mogi das Cruzes a Ordem de Nossa Senhora do Carmo é atuante desde a fundação do antigo povoado. Os padres carmelitas fixaram-se na localidade e logo deram início a construção de seu convento. Alguns anos depois a Ordem Terceira do Carmo também se estabeleceria, construindo sua igreja no local do antigo jazigo do convento dos padres carmelitas.

Atualmente a Igreja da Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo de Mogi das Cruzes (SP), possui três belas pinturas do período colonial, sendo pintura do forro da nave, pintura da capela-mor e pintura do forro do vestíbulo. As duas primeiras são pinturas de tipo ilusionista, semelhantes as pinturas do século XIX nas igrejas do meio-norte de Minas Gerais, a terceira pintura parece ter sido fixada posteriormente no cômodo que antecede a sacristia.

A Igreja da Ordem Primeira de Nossa Senhora do Carmo é contígua à Igreja da O.T., ambas as igrejas compartilham a mesma fachada e são separadas internamente por um corredor formado pela torre sineira. A Igreja da Ordem Primeira possui uma única pintura no forro da capela-mor, representação de gosto rococó com a visão de Santo Elias.

Em pesquisa pregressa, na qual eram buscadas as autorias dos pintores que realizaram as pinturas da Ordem Terceira, surgiu um novo questionamento em razão do pagamento que fora lançado no livro de receitas e despesas dos terceiros carmelitas. O lançamento que consta no livro da O.T. fora pago ao pintor Antonio dos Santos – o mesmo que realizou a pintura do forro da capela-mor da ordem – em virtude de um trabalho que ele fizera, cuja referência é Santo Elias.

Teria Antonio dos Santos executado a pintura de Santo Elias que se encontra no forro da capela-mor da Ordem Primeira? Por que este pagamento teria sido realizado pela Ordem Terceira se a pintura pertence à Ordem Primeira? Essas e outras indagações a respeito do pagamento da O.T. e da pintura de Santo Elias da Ordem Primeira, para a qual não há atribuição até o momento, carecem de pesquisas e estudos aprofundados.

Logo, é necessária uma análise comparativa das pinturas existentes nas capelas-mores de ambas as igrejas – uma das pinturas certamente realizada por Antonio dos Santos, conforme estudo recente aponta e, a outra possivelmente realizada por ele - e um exame pormenorizado do pagamento feito pela Ordem Terceira ao pintor Antonio dos Santos, para esclarecer tais indagações.

¹ Instituto de Artes da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Doutora em Artes pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

O pagamento controverso

É incontestável a autoria de Antônio dos Santos como pintor do forro da capela-mor da Igreja da Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo, contudo, há ainda um pagamento realizado pela Ordem Terceira a Antônio dos Santos que desperta a atenção pela coincidência do que fora executado; a inquietação que se apresenta à custa desse pagamento que lhe fora feito recai na pintura do forro da capela-mor da Igreja de Nossa Senhora do Carmo da Ordem Primeira de Mogi das Cruzes (SP).

As Igrejas – Ordem Primeira e Ordem Terceira – fazem parte de um conjunto amplo, são interligadas por um corredor interno e compartilham na fachada, sem divisões arquitetônicas, da mesma torre sineira.

Não há até o momento informações quanto à autoria da pintura situada no forro da capela-mor da Ordem Primeira, como não fora encontrado nenhum documento a respeito dessa obra, tornou-se imperioso levar a cabo uma comparação pormenorizada dos elementos compositivos de ambas as imagens - pinturas das capelas-mores das Ordens Primeira e Terceira do Carmo, para intentar identificar que o pagamento da Ordem Terceira esteja relacionado à obra da Ordem Primeira.

Fora realizado pelos terceiros um pagamento no ano de 1811 ao pintor Antonio dos Santos para fazer Santo Elias, justamente o tema do quadro central do forro da capela-mor da Ordem Primeira. O pagamento não é claro, oferece inúmeras hipóteses e não há mais nenhum outro lançamento a esse respeito em anos anteriores e posteriores a 1811.

Transcrição da página 146 - Despesas de 1811.

“D^o. p^a. Antônio dos Santos p^a. fazer Sto. Elias 12\$000.”

Ao analisar o valor desse pagamento, nota-se ser mais baixo do que o que lhe havia sido pago para pintar o forro da capela-mor para a Ordem Terceira – 78\$720. Sendo assim, pode-se supor tratar-se da encarnação de alguma imagem de Santo Elias, no entanto o pagamento destoa também do valor pago ao dourador Antônio da Silva Pontes, responsável pela encarnação do Senhor Crucificado – 2\$400.

O valor pago ao pintor não permite conclusões quanto ao verdadeiro objeto do pagamento, sendo assim, opta-se por realizar ao final da apresentação das imagens da Ordem Terceira uma breve análise comparativa dos elementos de ambas as obras, para averiguar a possibilidade de relação entre as pinturas.

Diferenças e semelhanças entre as pinturas: Ordem Primeira e Ordem Terceira do Carmo de Mogi das Cruzes

Conforme menção acima, há no livro da Ordem Terceira do Carmo na página 146 um pagamento feito ao pintor Antônio dos Santos referente a “fazer Santo Elias” (Fig. 01), porém não há detalhes do que fora executado, pode ser uma pintura para forro, uma carnação de escultura, uma imagem, um quadro; as possibilidades são infundáveis mesmo no período colonial.

Após o contato com a documentação acima referida, elevar o olhar para o forro do interior da Igreja da Ordem Primeira de Nossa Senhora do Carmo contígua à Ordem Terceira faz surgir torrentes de pensamentos e indagações. Vale lembrar que juntas essas igrejas constituem o Conjunto do Carmo.

A pintura situada no forro da capela-mor da Ordem Primeira carece de estudos e levantamentos a respeito de sua fatura, mas esse processo não faz parte da pesquisa, portanto será realizada somente uma breve análise das semelhanças e diferenças que as pinturas de ambas as capelas-mores possuem.

Espera-se deste modo contribuir para que estudos significativos e de relevo possam ser empreendidos na compreensão dessa obra pictórica, bem como na busca de sua origem, que responderá em primeira instância aos questionamentos que brotaram em face dos documentos analisados.

Ressalva-se ainda que o valor do pagamento lançado no referido livro, não corresponde aos valores pagos pelas pinturas para o forros da nave e da capela-mor da Ordem Terceira, sendo respectivamente 103\$000 e 78\$720, nem mesmo aproxima-se o valor da despesa paga pela encarnação do Senhor Crucificado executado por Antônio da Silva Pontes, por 2\$400.

Ainda assim, é possível permear as pinturas nessa empreitada, buscando por meio das imagens respostas que os pagamentos não permitem inferir. Para tanto será apresentada a imagem da pintura do forro da capela-mor da Ordem Terceira (Fig. 02), da autoria de Antônio dos Santos e a pintura do forro da capela-mor da Igreja da Ordem Primeira (Fig. 03) de autoria desconhecida, e a comparação com as diferenças e semelhanças entre as obras.

Semelhanças: na paleta de cores os tons azuis, vermelhos e amarelo/dourado se repetem em ambas as obras; estas estão posicionadas sobre fundo claro – embora não se possa precisar a tonalidade correta de ambos os forros; o tratamento da carnção das autoridades do Carmo possui a mesma nuance; ambas as tarjas não originam-se a partir de arquitetura fingida, formam uma tarja central sobre fundo sem ornamentação arquitetônica, irmanando-as às pinturas do ciclo do rococó.

Diferenças: na face das autoridades percebe-se nas figuras da O.T. a linha que brota das sobrancelhas e expande-se até o nariz é bem marcada, assim como a linha que marca o queixo e a testa não possui nenhuma linha de expressão, enquanto a figura da O.P. é mais suavizada, principalmente no lado esquerdo do nariz do santo, a testa recebeu linhas de expressão, legando a esta face ares mais realistas, e a linha do queixo é suavizada por meio de sombreado, não se forma uma linha nítida.

Os lábios de Santo Elias possuem contornos mais definidos e acima destes há marcas de expressão, não linhas demarcatórias riscando esses contornos. Quanto as pálpebras dos olhos da Virgem do Carmo, do menino Deus e do Santo cobrem metade dos olhos, com uma pupila redonda ao centro, cercada por pálpebras, no caso de Santo Elias isso não ocorre, pois a pupila se projeta para cima, e a pálpebra não é caída.

As mãos e dedos de Santo Elias receberam tratamento mais delicado, não são tão alongados. O panejamento da roupa do santo é mais gracioso e movimentado, efeito provocado em função do sombreado executado que o deixa mais leve e natural, ao passo que nas roupas da Virgem e do Santo da O. T. o tecido é mais grosseiro com linhas mais marcadas.

O cenário ao fundo das pinturas também diverge, enquanto Santo Elias é representado entre uma casa, uma fonte e montanhas, a Virgem do Carmo é rodeada por nuvens bem marcadas por linhas e raios que se projetam da cabeça da Virgem e do Menino Deus, enquanto Santo Elias possui um halo circular dourado ao redor de sua cabeça.

Para a cercadura do quadro da O.T. foram usadas formas conchóides bem marcadas pelo uso de linhas brancas em quase todas as reentrâncias, enquanto na outra pintura o artista forma as curvas por meio de nuances da mesma cor e o branco é utilizado para sombreado nos tons vermelhos, mas não forma uma linha contínua, dissipa-se em degrade.

Mesmo a folhagem existente em ambas as pinturas possui diferenças nítidas, uma é fechada, tratada por sombreado, a outra possui duas curvaturas quase circulares, com linhas visivelmente marcadas, embora seja um ramo da mesma folhagem; as margaridas do vaso de flores que arremata a cercadura da O. P. é parecido com as flores vermelhas da cercadura da O.T, mas com cores diferentes.

As volutas na tarja de Santo Elias possuem profundidade, o mesmo não ocorre na tarja da Virgem, ela é marcada por linhas que não criam ilusão de profundidade. Enquanto a cercadura do quadro de Santo Elias é mais circular e proporcional, a outra tem a base mais estreita e se alonga na parte superior.

A análise das imagens conforme se pode apurar apresenta mais diferenças entre as obras do que semelhanças, levando-nos a crer que estas obras não possam ter sido executadas pelo mesmo artista, sobretudo pela diferença na fatura das pinturas. Uma possui um estilo mais erudito, uma pintura madura, enquanto a outra apresenta uma pintura mais ingênua, provavelmente executada por algum aprendiz.

Considerações Finais

Ao fazer essas comparações pode-se considerar três pontos: primeiro, há mais elementos diferentes do que semelhantes entre as obras, pois na obra da Ordem Terceira o artista empregou a linha como recurso, ao passo que na obra da Ordem Primeira a solução adotada foi o emprego das cores, ou seja, um artista opta mais pela linha enquanto o outro pela cor.

Segundo, a obra da Ordem Primeira demonstra maior conhecimento no emprego das técnicas de perspectiva, criando assim maior ilusão de profundidade, já na pintura da Ordem Terceira esse uso é muito mais restrito, pois o artista para criar sensação de profundidade recorre a um tracejado branco que marca as curvas e contracurvas.

Terceiro e último, duas conclusões possíveis para essa inquietação: as pinturas foram elaboradas por artistas diferentes, logo, Antônio dos Santos pode ter feito um “Santo Elias”, mas este certamente não se refere à pintura da Ordem Primeira; e, não é possível pensar em uma fase mais madura do artista, em razão do curto espaço de tempo que havia se passado entre os pagamentos (lançamento do forro da capela-mor da Ordem Terceira– 1815; lançamento para fazer Santo Elias – 1811[pagamento controverso]), sobretudo porque tal lançamento seria anterior à pintura da Ordem Terceira, embora a pintura da Ordem Primeira apresente um domínio maior das técnicas comuns às pinturas setecentistas.

Conclui-se, por fim, que o “pagamento controverso” continua sem nenhuma definição do que fora efetivamente pago ao pintor Antonio dos Santos. Mas, é certo, que ele não executou o Santo Elias no forro da capela-mor na Igreja da Ordem Primeira, esse ponto é conclusivo, embora ainda seja desconhecida a autoria da obra.

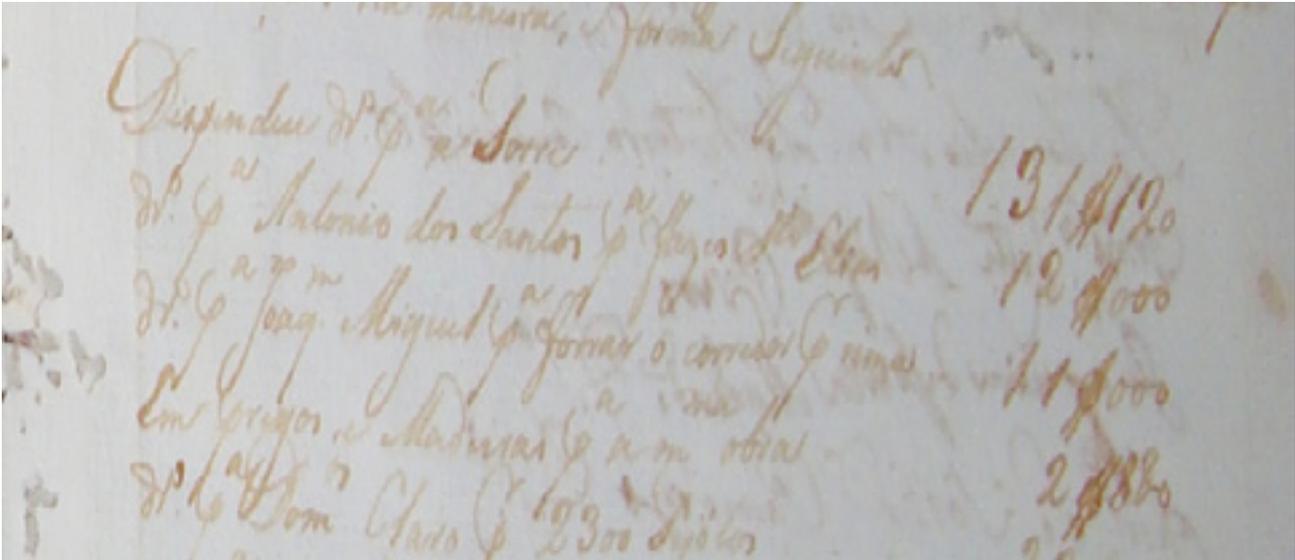


Figura 1 - Trecho da página 146 do Livro de Despesas de 1811.

Fonte: Arquivo do Carmo de Santo Elias. Foto: Danielle Pereira. 2010.



Figura 2 - Antônio dos Santos.

Entrega do manto pela Virgem do Carmo à um santo carmelita. c. 1814. Têmpera sobre madeira.
Detalhe do Forro da capela-mor da Ordem Terceira do Carmo. Mogi das Cruzes, SP, Brasil.



Figura 3 - Autoria desconhecida.

Santo Elias. c. séc. XIX. Têmpera sobre madeira.
Detalhe do forro da capela-mor da Ordem Primeira do Carmo. Mogi das Cruzes, SP, Brasil.

Referências Bibliográficas

- AMARAL, Aracy. **Da terra: madeira e barro como suporte para a cor e o ouro**. In: **Barroco: teoria e análise**. São Paulo: Perspectiva, 1997.
- ANDRADE, Mário de. **Padre Jesuíno do Monte Carmelo**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde - SPHAN, 1945. n.14.
- ARAÚJO, Maria Lucília Viveiros. **O mestre pintor José Patrício da Silva Manso e a pintura paulistana do Setecentos**. Dissertação (Mestrado em Artes). Departamento de Artes Plásticas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997.
- ÁVILA, Affonso; GONTIJO, João Marcos Machado; MACHADO, Reinaldo Guedes. **Barroco mineiro: glossário de arquitetura e ornamentação**. Rio de Janeiro: Cia. Ed. Nacional/Fund. J.Pinheiro/Fund. R. Marinho, 1980.
- BELLOTTO, Heloísa Liberalli. **Razões do Estado: a extinção e os primórdios da restauração da capitania de São Paulo**. In: História do Estado de São Paulo: a formação da unidade paulista. São Paulo: Editora UNESP; Imprensa Oficial; Arquivo Público do Estado, v. 1, 2010.
- BELO HORIZONTE. Arquivo da Província Carmelitana de Santo Elias. Cidade: Mogi das Cruzes. **Monumento: Igreja da Ordem Terceira do Carmo**. Livro: Receita e despesa, 1768-1818, 1824-1859; Documentos avulsos s/ data; Livro: Entrada de irmãos, 1754; Livro: Atas, 1762.
- BELO HORIZONTE. Arquivo da Província Carmelitana de Santo Elias. Cidade: Mogi das Cruzes. **Monumento: Igreja e Convento do Carmo**. Dados históricos e notas diversas, 1611-1935; Bens Urbanos; Desenhos do Terreno; Livro: Tombo, 1629; Livro: Receita e despesa, 1749-1768; Documentos avulsos: maço irmandades.
- BRANDÃO, Renato Pereira. **A espacialidade missioneira jesuítica no Brasil Colonial**. In: A forma e a imagem: arte e arquitetura jesuítica no Rio de Janeiro Colonial. Rio de Janeiro: PUC-RIO, 1993.
- BURY, John. **Arquitetura e Arte no Brasil Colonial**. São Paulo: Nobel, 1991.
- CAMARGO, Paulo Florêncio da Silveira. **A Igreja na história de São Paulo**. São Paulo: Instituto Paulista de História e Arte Religiosa, v.1, 1952.
- CAMPOS, Jurandyr Ferraz de. **Suma histórica da Venerável Ordem Terceira do Carmo de Mogi**. Mogi das Cruzes: Murc Editora Gráfica, 2004.
- FERREIRA, Emilio A. **Mogy das Cruzes: dados históricos e notas diversas – 1611-1935**. [s.l.: s.n.] 1935.
- GRINBERG, Isaac. **História de Mogi das Cruzes**. São Paulo: Saraiva, 1961.
- LEVY, Hannah. **A pintura colonial no Rio de Janeiro**. In: Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Rio de Janeiro: MEC, 1942. n.06.
- MAIA, Patrícia Albano. **Expansão territorial do Brasil colonial: o bandeirismo**. In: **História do Estado de São Paulo: a formação da unidade paulista**. São Paulo: Editora UNESP; Imprensa Oficial; Arquivo Público do Estado, v.1, 2010.
- MARQUES, Elizabeth Gonçalves. **História e arte sacra do conjunto carmelita de Santos – SP**. Dissertação (Mestrado em Artes). Instituto de Artes, Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2007.
- MELLO, Suzy de. **Pintura decorativa religiosa**. In: Barroco. Belo Horizonte: UFMG, 1982/83. n.12
- MURAYAMA, Eduardo Tsutomu. **Arte Sacra da Capela de Santa Teresa da Venerável Ordem Terceira**

do Carmo da Cidade de São Paulo – SP. Dissertação (Mestrado em Artes). Instituto de Artes, Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2010.

OLIVEIRA, Myriam Ribeiro de. **A pintura de perspectiva em Minas colonial - ciclo rococó.** In: Barroco teoria e análise. São Paulo: Perspectiva; Belo Horizonte: Companhia Brasileira de Metalurgia e Mineração, 1997.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Viagem à província de São Paulo.** São Paulo: EDUSP; Belo Horizonte: Itatiaia, 1976.

SALOMÃO, Myriam; TIRAPELI, Percival. **Pintura colonial paulista.** In: Arte Sacra Colonial: barroco memória viva. São Paulo: UNESP, 2005.

SÃO PAULO. Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo. **Mogi das Cruzes.** Pasta: Documentos avulsos, I-III; Rol das Confissões.

SÃO PAULO. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. 9ª SR/SP. Cidade: **Mogi das Cruzes.** **Monumento: Igrejas da Ordem Primeira e Terceira do Carmo.** Acervo Iconográfico.

SERRÃO, Vítor. **O maneirismo e o estatuto social dos pintores portugueses.** Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1983.

SILVA, Dom Duarte Leopoldo da. **Notas de história eclesiástica.** São Paulo: Empresa Graphica da “Revista dos Tribunaes”, 1937.

SILVA, Maria Beatriz Nizza da (org.). **História de São Paulo Colonial.** São Paulo: Editora Unesp, 2009.